



A REPRESENTAÇÃO FEMININA E O MITO DO HERÓI EM BUFFY, THE VAMPIRE SLAYER (1997-2003)

MARIA LUÍSA PEREIRA ANDERSON¹
PROF. DRA. LARISSA PATRON CHAVES²

¹Universidade Federal de Pelotas – marialuisapanderson@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – larissapatron@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho objetiva analisar a série televisiva *Buffy, the vampire Slayer*, programa que foi ao ar nos Estados Unidos da América entre os anos de 1997 a 2003. O foco da análise se concentra em uma reflexão em torno de conceitos importantes trabalhados pela corrente historiográfica História Cultural, como Representação, Mito e a complexidade da construção da imagem do Herói.

A série de drama sobrenatural acompanha o protagonismo de Buffy, assim como sua vida enquanto heroína e salvadora de sua cidade das forças do mal. Para a pesquisa, nos interessa compreender, a partir do panorama geral das sete temporadas, a jornada da construção da personagem principal enquanto heroína e representante feminina, já que compreendemos o conceito de representação a partir de em uma ideia de ausência de personagens como ela nos meios midiáticos de televisão da década de 90 e início dos anos 2000, capaz de proteger a si mesma e aqueles ao seu redor.

A ideia de ausência enquanto fator importante para a construção do conceito de representação é apropriado dos apontamentos de Carlo Ginzburg, o qual entende a representação enquanto palavra ambígua, já que uma representação de algo pode ser “de uma realidade apresentada logo evoca ausência” ou “torna visível a realidade apresentada, logo sugere a presença” (GINZBURG, 2001). O debate acerca de representação se torna importante para compreender o papel da protagonista e o que o mesmo expressa para o público que consome e assiste a mídia televisiva.

Em conjunto com esse debate, vale ressaltar que temos como objetivos analisar o recorte de gênero enquanto uma protagonista feminina, e que, de acordo com Frances Early, o mercado ficcional midiático estadunidense era dominado por representações masculinas, os quais eram mostrados enquanto heróis e guerreiros (EARLY, 2004) e a personagem Buffy Summers surge enquanto uma quebra desses clichês e uma representação forte e destoante para o público jovem de mulheres que acompanhavam os episódios semanais da série. Além disso, vale lembrar que não somente nas visualidades, os estudos acadêmicos e científicos, bem como produções culturais eruditas e populares sempre foram campos de disputas dominados pela masculinidade. A mulher – e a própria ideia de gênero – sempre apareceu em segundo plano e de alguma forma subalterna ao homem. Nesse sentido, a autora Rachel Soihet discorre sobre as diferentes teorias criadas para justificar a inferioridade feminina, sendo elas de campo sexual, racional e social. O corpo, a capacidade de racionalizar e o espaço político e social das mulheres foram espaço de debate dessas teorias que em uma hierarquia estrutural, elas estavam abaixo deles (SOIHET, 1997).

Analizar Buffy enquanto protagonista e representação feminina não exime a obra de diversos estereótipos de gênero que são demonstrados ao longo das sete temporadas, uma vez que não podemos esquecer do contexto histórico em que a mesma foi criada e transmitida, porém, a própria criação da heroína é revolucionária



ao desafiar o mito do herói homem propagado pelas mídias dos anos 90 e apresentar uma nova proposta de manifestar a imagem feminina.

Essa expressão de Buffy entra em divergência com outros clichês midiáticos do período em que há também mulheres protagonistas. O termo *Final Girl* foi criado para designar personagens mulheres em filmes ou mídias de terror que sobrevivem aos ataques do grande vilão da obra (CARDOSO, 2020). Comumente retratadas como mulheres extremamente femininas, recatadas e ingênuas, essas mulheres “lutam” contra o vilão e geralmente salvam-se por fatores externos às suas ações. Nessas obras, suas emoções e feminilidade eram o que as tornavam vulneráveis. Em BTVS (sigla para *Buffy, the vampire slayer*), o clichê é completamente modificado ao mostrar uma adolescente feminina – e que aprecia sua feminilidade- com emoções que a ajudam a lutar e a salvar os outros.

Ao modificar essa relação, Buffy se torna heroína e não vítima. Para Marcos Vieira, o espetáculo e a criação da imagem do herói é uma das manifestações mais fortes do mito, presente em quase todas as áreas e produções da cultura de massa e popular (VIEIRA, 2007). E o mito, presentes em diversas sociedades e em tempos históricos diferentes, é, de acordo com Joseph Campbell, uma narrativa, uma criação ou um sonho (CAMPBELL, 1989) e a narrativa do herói é uma jornada cíclica conhecida como “monomito” em que a jornada heroica é descrita.

A partir desse conceito, podemos analisar tanto o percurso de Buffy como heroína, quanto a mitologia que a série apresenta: o propósito das caçadoras e sua origem, os sentinelas (mestres que cuidam e supervisionam as caçadoras) e seus objetivos enquanto instituição orientadora e o próprio universo sobrenatural da série.

2. METODOLOGIA

Além dos conceitos norteadores da pesquisa apresentados, a metodologia de análise da fonte será realizada a partir da seleção e escolha de no máximo dez episódios para reflexão e análise dos mesmos. Os episódios foram escolhidos devido a algumas características, como presença de fatores imagéticos que contribuem para a compreensão do conceito de representação feminina bem como a construção da protagonista enquanto heroína.

Para facilitar o trabalho, a análise dessas questões será realizada a partir de um olhar voltado para a intermidialidade, que aqui compreendemos a partir das contribuições de Claus Cluver, enquanto um cruzamento de fronteiras entre mídias de comunicação (CLUVER, 2011). Logo, será observado como a imagem, trilha sonora e texto (as falas dos personagens) contribuem para a construção do enredo e para que a narrativa seja imersiva para o público que a assiste.

Optamos em demonstrar o potencial imagético e ilustração da série em forma de frames, que são imagens congeladas e selecionadas dos episódios para facilitar aquilo que pretende se mostrar a partir da análise imagética. Segue um exemplo para especificar como se pretende analisar a fonte, a partir de um *print screen* do episódio nove intitulado “O desejo” da terceira temporada da série, tempo 41 segundos a partir do início do episódio.



Imagen de exemplo, episódio “O desejo”



3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O presente trabalho ainda se encontra em fase inicial, já que o mesmo teve seu início em abril desse ano enquanto projeto de pesquisa para ingresso no mestrado do PPGH da UFPEL. Apesar disso, a análise e separação da fonte já foi realizada devido ao seu caráter audiovisual e ter fácil acesso a mesma por meio da internet.

Até o momento, percebemos o potencial da série midiática de caráter ficcional enquanto uma fonte valiosa para os estudos históricos e da própria natureza da imagem, possibilitando o uso da mesma para a compreensão de conceitos pertinentes para os estudos históricos culturais e para os estudos da cultura visual.

4. CONCLUSÕES

A pesquisa e análise da fonte até o presente momento nos possibilitou observar o potencial de *Buffy, the vampire slayer* enquanto fonte histórica para compreender o mercado de mídias dos anos 90, bem como o contexto social em que a série foi produzida e transmitida. O trabalho se torna inovador enquanto produção acadêmica nacional, pois apesar da popularidade da fonte, a mesma não havia sido utilizada no campo do conhecimento histórico e o mesmo trabalho pode contribuir para os estudos da cultura popular e também para pensar em novos métodos de análise de fontes audiovisuais ou imagem em movimento.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARDOSO, Lara. A evolução do estereótipo da “Final Girl” nos filmes de terror. Newronio, ESPM, 6 de nov. de 2020. Acessado em 23 de janeiro de 2021. Disponível em: <https://newronio.espm.br/a-evolucao-do-estereotipo-da-final-girl-dos-filmes-de-terror/>

CLÜVER, Claus. Intermidialidade. **Revista Pós**, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 8-23, nov. 2011.

CAMPBELL, Joseph. **O Herói de Mil faces**. Tradução de Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Editora Pensamento, 1989



EARLY, Frances H. Staking Her Claim: Buffy the Vampire Slayer as Transgressive Woman Warrior. **The Journal of Popular Culture**, v. 35, p.11- 27, 2004.

GINZBURG, Carlo. **Olhos de Madeira – Nove reflexões sobre a distância**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SOIHET, Rachel. Violência simbólica. Saberes masculinos e representações femininas. **Estudos Feministas**, v.5, n.1, p.7-29, 1997

VIEIRA, Marcos F. Mito e herói na contemporaneidade: as histórias em quadrinhos como instrumento de crítica social. **Revista Contemporânea**, UERJ, n.8, p. 78-90, 2007.